



HÁ QUEM ESCO- LHA OS CAMINHOS MAIS LONGOS

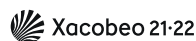
TRILOGÍA DO BOSQUE CAPÍTULO 1

Coproducen



Ponto →
de fuga

Financian



inaem

INSTITUTO NACIONAL
DE LAS ARTES ESCÉNICAS
Y DE LA MÚSICA

Colabora



Financiado por
la Unión Europea
#NextGenerationEU



CONSELLERÍA DE
PROMOCIÓN DO
EMPREGO E IGUALDADE





FICHA ARTÍSTICA

Interpretação

Joana Saraiva
Bárbara Soares
Paula Carballeira

Dramaturgia

Paula Carballeira

Encenação

Chiqui Pereira
Paula Carballeira

Sonoplastia

Xandre Outeiro

Iluminação

Chiqui Pereira

Espaço cénico

Inês Reis

Figurinos

Inês Reis

Produção

Chiqui Pereira
Bárbara Soares

Assistente Produção

Miguel Clavo

Desenho gráfico

Nadina Gráfica

Comunicação

Maos Innovación
Social

INFORMAÇÃO

Duração

75 minutos aprox.

Idiomas

Português e Galego

Público

M12

«Nesta história há três mulheres: uma menina, uma rainha que foi menina e uma bruxa que foi menina e que foi rainha. Também há um lobo, e uma floresta. Tem que haver uma floresta onde procurar refúgio quando foges da fome, de qualquer tipo de fome, ou do perigo. É preciso lembrá-lo. Se não há floresta, não há caminhos onde nos possamos perder e encontrar depois. Cada uma dessas três mulheres escolhe um caminho e vai-se cruzando com as outras, também com o lobo, e com o fogo, mas elas são fortes, sabem arriscar, jogam com o tempo às agachadas e ganham, sempre ganham»



A TRILOGIA DO BOSQUE

A floresta é o cenário frequente onde a miúdo acontecem os factos das histórias narradas nos contos maravilhosos. Se pudéssemos analisar qualquer antologia destas histórias, observaríamos que “floresta” é uma das palavras que mais se repete. Portanto, parece-nos pertinente perguntar-nos e investigar sobre a sua função e o seu simbolismo.

O modo que temos como artistas de enfrentar essas investigações é através das nossas criações. Por isso, iniciamos, com *Há quem escolhe os caminhos mais longos*, uma trilogia sobre “A Floresta” onde vamos aprofundar as diferentes características deste elemento. Assim, esta Trilogia da Floresta é composta por:



Há quem escolha os caminhos mais longos.

A floresta como labirinto.



Dentes de coelho.

A floresta como lugar de perigo.

Texto galardoado co Prémio de textos dramáticos Laudamuco, 2022.



Somos os monstros.

A floresta como lugar de refugio.

Texto merecedor do Manuel María de Literatura Dramática Infantil, 2018.

Desenvolveremos esta trilogia em colaboração com três companhias portuguesas. Com elas, queremos fomentar o conhecimento e valorizar as vantagens que resultam de partilhar com o país vizinho uma língua e uma cultura de origem comum. Este projecto pretende ser o início de um novo modo de relacionar-nos com o mercado português. Desta maneira, abrimos a capacidade e a difusão, não só da nossa própria companhia, senão também de outras empresas culturais, sejam cénicas ou editoriais. Apesar da proximidade e do intercâmbio entre os dois países, a verdade é que no outro lado do Minho o conhecimento de tal relação histórica, linguística e cultural é muito menor do que seria desejável.



«Ninguén se divirte xa nos bosques. Ninguén recolle flores de abeleira nin ningunha outra bagatela.

Ninguén se entretén Todo o mundo apura para atravesalos.

Cando es unha rapaza Unha rapaza coas súas contornas de rapaza As rúas sen iluminar os recunchos abrigados baixo as pontes as antigas vías do tren as fábricas abandonadas as casas en construción as paradas de autobús non frecuentadas os aparcamentos dos supermercados os patios das escolas as prazas os estanques os parques as pistas de tenis os carrís bici os parques infantís déixanse estar.

Colles o camiño máis directo Non vas en patíns en bicicleta en skate en patinete Colles o teu bono de transporte. É o prezo a pagar.

Todas as nais saben que hai lobos no bosque no monte o parque ao longo da autoestrada nas pistas de deporte nas camiñadas para a saúde.

Todas as nais teñen ganas de que as coman núas.

Pero din outra cousa.

Din.

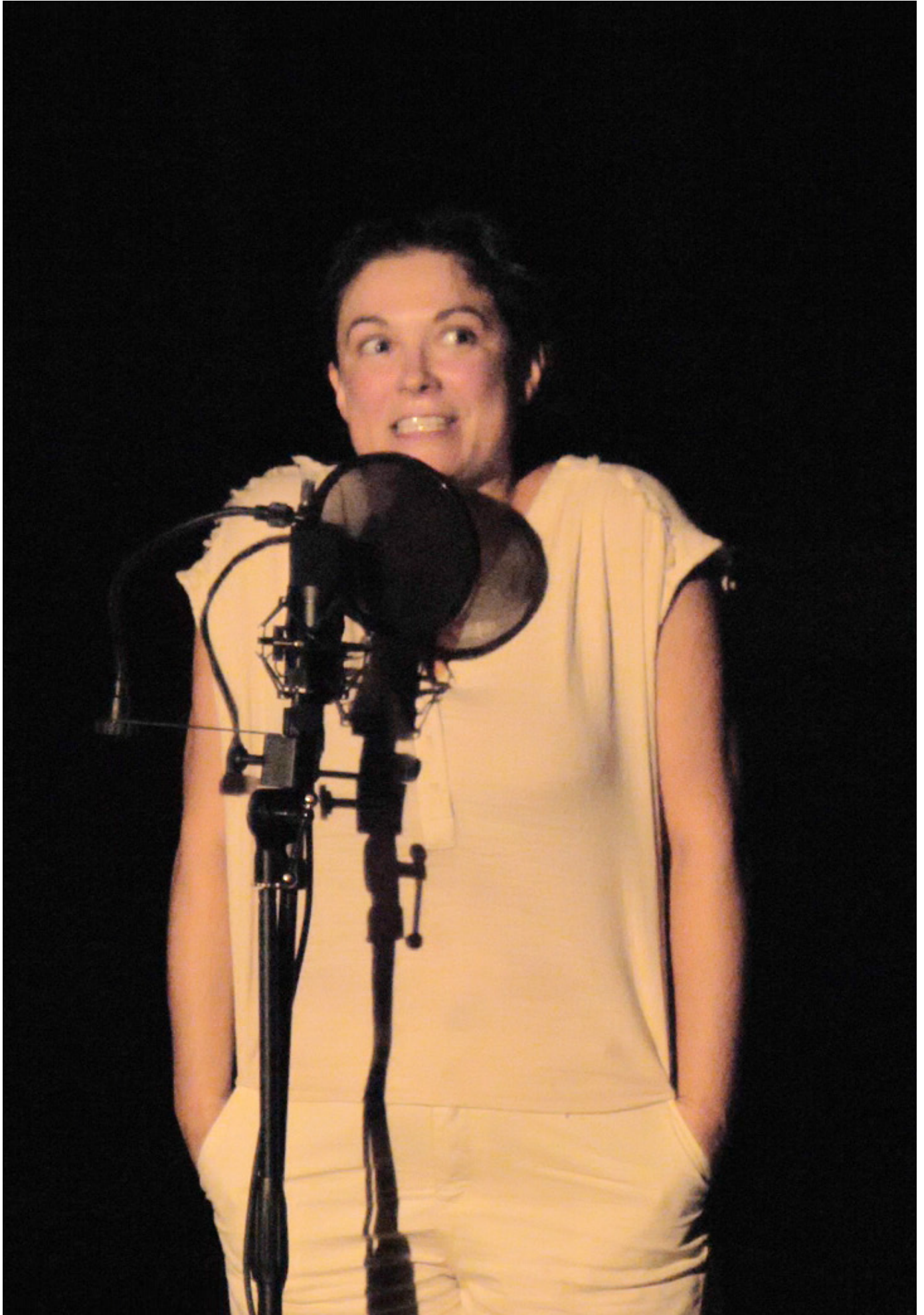
Din que son as rapazas novas as que buscan os problemas, as parvadas.

As rapazas novas provocan que as coman crúas e núas sen ir ao bosque.

Elas prefiren que as devoren en Nova Iorque Madrid Londres Berlín París Pekín Estocolmo Xerusalén.»

—

Claudine Galea,
Au bois (No bosque)



O INÍCIO DE UM CAMINHO

Centrando no nosso caso em concreto, a floresta como labirinto encontra-se em todos aqueles contos que expressam de modo simbólico um rito de iniciação ou de passagem, quer dizer, naqueles em que a protagonista morre (ainda que seja num sentido figurativo) Esta ligação entre floresta e rito é uma das chaves para a elaboração da encenação.

Teatro ritual

Algumas das características do teatro ritual que queremos introduzir no espectáculo são:

- A importância do conteúdo simbólico dos elementos de significação cénica.
- O relevo da expressão física como motor interpretativo.
- A música e o ritmo como componentes cerimoniais
- A eliminação de qualquer elemento acessório.

Processo

O processo de criação divide-se em duas fases:

- A primeira etapa de investigação e selecção de materiais textuais e visuais desenvolvida no mês de agosto numa residência na Câmara municipal de Teo que terminou com uma primeira apresentação pública.
- O segundo turno de ensaios terá lugar na cidade de Lisboa em junho do 2023 e culminará com a estréia do espectáculo definitivo.



O MAPA

O mapa é uma representação gráfica de um território, um guia que ajuda a estabelecer um caminho. Neste projeto, o nosso mapa é o livro de poemas de Paula Carballeira, o texto sobre o qual realizamos a nossa investigação cênica.

O conjunto de poemas de Carballeira são uma reclamação do direito das pessoas para ir à procura do seu próprio caminho. A autora escolhe personagens femininos de contos tradicionais e oferece-lhes uma voz, a sua própria voz, longe dos estereótipos com os que foram construídos, para além de os aproximar de uma visão contemporânea. É, de alguma maneira, uma ode à utopia, uma reivindicação da liberdade de escolha, de dispor de um espaço próprio, de um tempo próprio e por que não, a liberdade de deambular e de se perder pelo caminho sem necessidade de chegar ao destino prefixado.

Uma das características da autora é o sentido rítmico. O jogo com a sonoridade imprime aos versos uma cadência que lhes proporciona um verdadeiro tom tribal.

Em *Há quem escolha os caminhos mais longos* queremos propor uma reflexão sobre a pertinência e a utilidade da nossa tradição através da revisão de alguns contos maravilhosos, todos eles protagonizados por mulheres, e que, com as suas variantes, fazem parte da cultura universal: Capuchinho Vermelho, Branca de Neve, A Bela Adormecida, etc.



JOANA

«Antes levava os olhos muito abertos ao entrar na floresta. Abertos de curiosidade, porque era uma menina, e podia mais a curiosidade que o medo. Agora o medo não me deixa ir por lugares escuros, nem estar tranquila rodeada de gente. Há gente nas cidades que joga a caçar sem pensar nas consequências. Não quero ser uma consequência. De repente, um arranhão, uma picada nas costas, de espinha ou de agulha, e perdes o sentido. Tenho medo de perder o sentido, de me agoniar e andar aos tombos pelas ruas com cheiro a mexo, enquanto escuto as gargalhadas de quem me persegue, e sinto o seu bafo quente na nuca. A sua fome.

Cruzo com algumas pessoas que se afastam do meu caminho. Não berro. Ninguém me vai ajudar. Beijo o chão, frio, de cimento ou de asfalto. Estou só. Ignoram-me os faróis, as paredes. Apagam-se as luzes das janelas. Já não sou uma menina. O medo pode mais que a curiosidade. Às vezes, por medo, fico em casa, não entro na floresta, fico triste, prisioneira, e os meus olhos vão-se fechando, e vou renunciando a viver possibilidades, a resolver mistérios.»



BERROBAMBÁN

Desde a súa creación no ano 2000, berrobambán produciu máis de vinte espectáculos de teatro dirixidos a todo tipo de público: infantil, familiar, xuvenil e adulto. Con eles participamos en programacións e festivais de países como Canadá, Corea, Portugal e Colombia. Recentemente, apostamos por cambiar o noso modelo de creación, prestando atención a outras linguaxes, priorizando os elencos novos e favorecendo a internacionalización a través de coproducións.

Paralelamente, a compañía mantivo outra liña de traballo a través do desenvolvemento de proxectos cun marcado carácter social e/ou educativo, por exemplo:

- «Asteroide b-612», a primeira programación estable de teatro para familias de Galicia que organizamos nas cidades de Santiago de Compostela e Ferrol.
- «Elas presentes», unha proposta integral para traballar o tema da invisibilidade da muller nos temarios dos centros educativos que desenvolvemos co apoio da deputación da Coruña no ano 2019.
- «Facer memoria» (2021), unha serie de encontros-espetáculo onde recollemos nunha serie de podcast, as historias das persoas que viven nas parroquias dos concellos que nos convidan.

PONTO DE FUGA

Ponto de Fuga é un proxecto que nace en 2022 da vontade e das inquietanzas de dúas actrices —Bárbara Soares e Joana Saraiva. Nace nómada, en formato mochila ás costas, na procura de viaxes que podan ser compartidos con outras creadoras, outros viaxantes, e sobretudo co público.

Ponto de fuga é una escapatoria, unha porta a outro lugar, mais é sobre todo unha mirada ao lonxe, un punto no Horizonte, que nos fai querer continuar o camiño.

Hai quen escolle os camiños mais longos é o espetáculo de estrea de Ponto de Fuga —unha co-produción com a compañía galega Berrobambán, con dirección de Chiqui Pereira e Paula Carballeira, a partir dos textos da escritora Paula Carballeira.



BÁRBARA SOARES

Actriz licenciada en Teatro e Educación por la E.S.E. Coimbra (2010–2013). En 2015 foi co-creadora do proxecto Orpheu: lado B, unha produción de Trincheira Teatro. Entre 2015 e 2017 integrouse no AL Teatro (Silbes), onde participou como actriz en cinco espectáculos e asumiu a dirección dun deles. Desde Setembro de 2017 colabora coa compañía Baal17 como actriz e/ou asistente de dirección en sete espectáculos. En 2019 participou como actriz na produción da Rede Arteria, T.Y.P. En 2021 formou parte do elenco do primeiro espectáculo da compañía Bandedelugo. Dirixiu e creou a dramaturxia do proxecto independente Cereijal Guesthouse que contou co apoio da Fundación Calouste Gulbenkian y Fundación GDA.

En 2022 publica a súa primeira peza curta –Casa Da esquina| Proxecto #ECOS.

Traballou con Antonio Mercado, Clóvis Levi, António Fonseca, Rui Ramos, Filipe Seixas, Chiqui Pereira, Gonçalo Amorim e Ricardo Correia.

JOANA SARAIVA

Actriz licenciada en Teatro e Educación pola Escola Superior de Educación de Coimbra (2010–2013). En 2014 asiste ao curso de Commedia dell'arte impartido por Fabrizio Paladin en Treviso (Italia). Desde 2017 colabora como actriz e formadora na compañía Baal17, destacando os espectáculos Camino Real e Ruptura, proxectos creados coa comunidade de Serpa, e as sesións de Teatro-Forum para a mocidade, ao abeiro do programa Cuida-Te + do IPDJ.

En Marzo de 2019 estrea, como actriz, Tasquinha bebé de Quanta Produções e en Abril do mesmo ano, Lucas, coa compañía Lugar Común. Coordina os cursos de teatro do proxecto PARTÍS (2019–2021) e forma parte do equipo artístico e pedagóxico do espectáculo Aldebarã, ambos os proxectos de Terra Amarela.

Dirixe compañías de teatro amateur desde 2016 e das súas creacións destacan o espectáculo Dicionario, seleccionado no Festival PANOS organizado polo Teatro Nacional Dona María II de Lisboa, e Vale Tudo, gañador do premio de teatro Mário Rui Gonçalves (2020).

CHIQUI PEREIRA

Graduado en Dirección pola ESAD-Galiza, en Traballo Social pola USC e especialista en Arte Dramática pola mesma universidade, onde tivo como profesores a Jacques Nichet e Thomas Leabhart.

Actor e director de Berrobambán, onde dirixiu máis de dez espetáculos. Foi director artístico da programación Asteroide B-612, nas cidades de Ferrol e Santiago de Compostela. No ano 2016 dirixe «Tráfico» para as compañías portuguesas Baal17 e AL teatro. En 2019 estrea a coprodución galego-colombiana «Doppelgänger» e «EGO» de novo para a Baal17.

En 2021 encargouse da dirección da XXV Gala de Premios Maria Casares da Asociación de Actores e Atrizes da Galiza (AAAG). Foi director artístico do Circo-Lar para a Xunta de Galicia. Ten varios artigos sobre teatro e programación publicados em revistas de especialidade.

No sector audiovisual dirixiu seis curta-metraxes paródicas sobre a política galega e foi director de dobraxe para o proxecto de animación em 3D «Os sextos sentidos» da Fundación Menela.

PAULA CARBALLEIRA

Profesional de teatro e da narración oral desde 1994. Foi convidada aos principais festivais de narración oral nacionais e internacionais (España, Portugal, Polonia, Brasil, Chile, Ecuador, Perú, Colombia, Cabo Verde...) como contadora de historias e como profesora de técnicas de narración oral. Traballou en diferentes series e programas para a Televisión de Galicia como «Libro de familia» ou «Pepe o inglés». Traballa como actriz, dramaturga e directora na compañía de teatro Berrobambán e tamén colabora con outras compañías como Chévere, A Panadaría, Talía ou Culturactiva. Dirixiu e interpretou a proposta do Centro Dramático Galego para público infantil: «A cabana de Babaiagá» e participou como actriz no espectáculo «Desde a sombra/Bufóns e Pallasos» da compañía Magrinyana e nas pezas do Coletivo de Creación. A Claque desde 2012.

É autora de varios libros de narrativa, poesía, teatro, literatura infantil e xuvenil, algúns deles traducidos a máis de 8 idiomas. As suas pezas foron recoñecidas con varios prêmios: Lecturas, White Raven, Isaac Díaz Pardo, Manuel María de Literatura Dramática Infantil, Laudamuco de Textos Teatrais ou o Frei Martín Sarmiento.

XANDRE OUTEIRO

É mestre de pandeireta, canto e baile tradicional desde 2006 en diferentes asociacións e colectivos. Formou-se como mestre de zanfona na antiga Universidade Popular de Vigo (hoxe E-trad) da man de Anxo Pintos e desde entón ten impartido aulas deste instrumento en varias escolas do país.

Como instrumentista participou en proxectos coma o grupo de pandereteiros O Tear de Llerena (Guillermo Ignacio, Marcelo Do Bode, Xito Outeiro), Proyecto Trépia e A Máquina de Meter Medo (con Cayetano Amenábar), alén de múltiples colaboracións con grupos e artistas como PelDeNoz (Alonso Caxade e Alberte Rodríguez) e Nelson Quinteiro, ou traballos como producións para bandas sonoras de documentais e propostas audiovisuais con Marta Verde.

Como bailarador, foi titular do corpo de baile de GS21 (dir. Óscar Cobos) e do grupo de baile de O Fiadeiro (dir. Chisco Feijoo).

INÊS CORREIA

Nacida en outubro de 1999 na cidade de Lisboa, é graduada pola Escola Artística António Arroio e a Escola Superior de Teatro e Cinema, no curso de Teatro, especialidade en Design de Cena.

Participou no Laboratorio Artístico do Maat (Museo de Arte, Arquitectura e Tecnoloxía) en 2019 e colaborou en varios proxectos como atrecista para o Teatro A Barraca, como escenógrafa da peza «Entre os meus rins». No ano 2020 foi a encargada da realización da escenografía e o vestiario da obra «O Fazedor de Nadas» da compañía Parada de Elefantes e do vestiario para a peza «Chi Rho» da compañía Teatro à Faca.



HÁ QUEM ESCO- LHA OS CAMINHOS MAIS LONGOS

TRILOGÍA DO BOSQUE CAPÍTULO 1

Coproducen



Ponto →
de fuga

Financian



XUNTA
DE GALICIA



Xacobeo 21-22



GOBIERNO
DE ESPAÑA

MINISTERIO
DE CULTURA
Y DEPORTE

inaem

INSTITUTO NACIONAL
DE LAS ARTES ESCÉNICAS
Y DE LA MÚSICA

Colabora



Financiado por
la Unión Europea

#NextGenerationEU



TR Plan de
Recuperación,
Transformación
y Resiliencia

ESPAÑA
RUEDE

XUNTA
DE GALICIA

CONSELLERÍA DE
PROMOCIÓN DO
EMPREGO E IGUALDADE



GOBIERNO
DE ESPAÑA

SERVICIO PÚBLICO
DE EMPLEO
SEPE

70 CONCELLO
DE TEO

EDICIÓN
POSITIVAS

Xuventude de Galicia
Centro Galego de Líbros